

# Os Genes dos Portugueses

Numa entrevista recente Caetano Veloso chamava a atenção para a enorme vitalidade e a surpreendente originalidade criativa existentes hoje na sociedade brasileira e relacionava-as com “o facto de o Brasil ser a América portuguesa”. Acrescentava que, entre outras razões, tal se devia à circunstância de “serem uma população altamente miscigenada” o que, em seu entender, era um factor muito positivo apesar de “ser geralmente visto como uma desvantagem”.

Dei comigo a pensar que, quem sabe, a população brasileira é ainda bem mais miscigenada do que Caetano Veloso pensa, a fazer fé (e eu faço...) em dois trabalhos recentes sobre as características genéticas dos portugueses (“O legado genético da diversidade religiosa e da intolerância: linhagens paternas dos cristãos, judeus e muçulmanos na Península Ibérica”, Lavinha et al, *American Journal of Human Genetics*, 2008, e *O Património Genético Português. A história humana preservada nos genes*, Luísa Pereira e Filipa M. Ribeiro, Gradiva, 2009). Tanto o grupo do João Lavinha como o da Luísa Pereira encontraram uma elevadíssima percentagem de linhagens do Norte de África (berberes) e do Próximo Oriente (judias) nas populações portuguesas. Existe, claro, um gradiente decrescente de Sul para Norte mas nada que permita a grosseria de continuar a chamar “mouros” aos algarvios e, muito menos, aos lisboetas. Existem também em todos nós bastantes “marcas” genéticas de origem árabe, subsariana e ameríndia, importadas muito mais recentemente, a partir da expansão do Islamismo no primeiro caso, e depois das Descobertas nos dois últimos. Essas “marcas” são quantitativa-

mente menos expressivas e topograficamente mais localizadas do que as berberes e judias. Tem graça a este propósito que a importação tenha sobretudo a ver com a via feminina – incorporámos na nossa sociedade muitíssimo mais mestiças do que mestiços – e daí que a Luísa Pereira refira que “o património genético materno do Sul tem 10% de linhagens subsarianas”.

Voltando à entrevista de Caetano Veloso é pena que a nossa miscigenação não se reflecta numa vitalidade por aí além e que, no domínio da originalidade criativa, ela se expresse sobretudo em desenrascanço e capacidade para resolver, pontualmente, catástrofes. Não tenho qualquer dúvida de que as características dos portugueses são muito mais fruto do ambiente (geografia, clima, educação, religião, cultura) do que da genética, mas lá que é pena não termos aproveitado mais a miscigenação, é. Valha a verdade que a nossa história tem alguns (bastantes) *faux pas* que não ajudaram nesse sentido. A Inquisição foi um deles, e dos piores. No que se refere à Medicina, por exemplo, as consequências foram terríveis e chegaram aos dias de hoje, apesar da nossa proverbial “flexibilidade”. Isto mesmo se documenta em dois textos sobre “conferências clínicas” nos Regimentos de 1593 e 1745 do Hospital de D. Lopo – o hospital que precedeu o Hospital de Santo António – a que tive acesso graças à generosidade do professor Ribeiro da Silva.

Rezava assim o artigo do Primeiro Regimento datado de 2 de Janeiro de 1593: “O Provedor chamará os outros médicos da cidade para juntas, ainda que não sejam cristãos velhos, quando surgir algum caso grave”.

(O sublinhado é meu).

Em 1745 quando se redigiu o novo Regimento o “problema” havia desaparecido.

«Cap. 4.º — Recomenda-se m.<sup>to</sup>, q̃ nos cazos extraordin.<sup>os</sup> e doenças mais agudas, se convoquem mutuam.<sup>te</sup> m.<sup>to</sup> repetidas vezes, p.<sup>a</sup> consultarem a melhor forma da cura, q̃ se ha de seguir; o q̃ a experiencia tem mostrado se descobre bem pela mesma Varied.<sup>e</sup> dos votantes.»

A Inquisição havia produzido os seus efeitos.

**GENE, CÉLULA, CIÊNCIA, HOMEM / MANUEL SOBRINHO SIMÕES ; REV. MÁRIO AZEVEDO**

**AUTOR(ES):** Simões, Manuel Sobrinho, 1947-; Azevedo, Mário, revisor

**PUBLICAÇÃO:** Lisboa : Babel., cop. 2010

**DESCR. FÍSICA:** 187, [5] p. ; 22 cm

**ISBN:** 978-972-22-2984-5